



"Cheguei a Portugal com alguns números de telefone e 70 dólares no bolso"

"Não quero viver

De origem grega, mas natural de Los Angeles, Darin Pappas, mais conhecido por Ithaka, é um

Pappas adoptou o *alter ego* Ithaka, sugerido por um poema grego de 1911 com esse título, que é também o nome de uma pequena ilha da Grécia. Artista multifacetado, reparte-se pela fotografia, a escultura e a música, ao que junta a paixão pelo surf. Na década de 90 viveu vários anos em Portugal, destacando-se então na área musical. Hoje vive entre o Rio de Janeiro e Los Angeles, mas neste momento está no nosso país para apresentar esculturas feitas a

partir de pranchas de surf. Justamente denominada *The Reincarnation of a Surfboard*, a exposição pode ser visitada, até ao final do ano, na Galeria Way of Arts, no número 92 da Rua do Campo Santo, em S. João do Estoril. Pappas aproveitou esta deslocação para promover o seu recente disco *Saltwater Nomad*.

Focus – O que aparece primeiro na sua vida, as esculturas com pranchas de surf ou a fotografia?

Darin Pappas – Cresci com a fotografia. O meu pai era viciado em fotografia e em casa houve sempre muitas máquinas. Tenho imagens que fiz com cinco anos. Aos 17 comecei a publicar as minhas primeiras fotografias. Trabalhei para revistas e para uma editora de *hip-hop*, que foi uma das razões que me levou a entrar no mundo da música, em concreto naquele género, por entender que tem muito que ver comigo. É um tipo de música onde se contam histórias na

primeira pessoa e eu gosto dessa ligação da música com o artista.

Focus – *À música já lá iremos. Segundo consta, a ideia de começar a fazer esculturas surgiu-lhe na Califórnia, a partir de uma prancha de surf partida.*

D.P. – É verdade. Comecei a fazer surf com 12 anos, numas férias no Havaí, mas terei começado a trabalhar as pranchas por volta dos 21. Via então em Hollywood, longe da praia e não surfava com regularidade. Houve um dia em que parti a prancha, mas não a dei-tei no lixo. Não entendo bem este meu fascínio com as pranchas, mas a verdade é que gosto das ligações de certos objectos com o meu passado. Voltei a pegar nessa prancha e, como não era possível restaurá-la, comecei a cortá-la, a pintá-la e foi assim que comecei.

Focus – *Tem feito várias exposições. Esta forma de escultura é bem aceite pelas pessoas?*

D.P. – De um modo geral, sim. Isto tem que ver com a minha ligação ao surf e ao mar. É uma grande parte da minha vida que está aqui. Não tento apresentar o meu trabalho como uma arte de turismo. Para este projecto já fiz cerca de 200 peças.

Focus – *Que ferramentas e materiais utiliza?*

D.P. – A maioria dos meus trabalhos são feitos no meu estúdio na Califórnia, onde tenho tudo de que preciso. Não uso nada eléctrico. Faço os

de 1995, tem uma canção intitulada *Escape From the City of Angels*. É autobiográfica? Na verdade, na década de 90 veio de Los Angeles para Lisboa.

D.P. – Escrevi a letra desta canção no avião quando vinha para Portugal.

Focus – *O que aconteceu? Estava farto de Los Angeles, uma cidade onde não falta nada, como diz a letra?*



“Tenho raízes, mas, ao mesmo tempo, gosto de estar em movimento”

produto da cidade e não quero viver isolado numa ilha, mas foi mais pela cultura, porque boas ondas tinha-as mais perto de casa.

Focus – *Foi em Portugal que começou a tomar a música mais a sério?*

D.P. – Sim. Gravei dois álbuns aqui [o citado *Flowers and the Colour of Paint* e *Stellafly*, de 1997] e uma música de dança com o DJ Vibe [mais Rui da Silva], o *So Get Up*, que teve muito sucesso.

Focus – *Seis anos depois deixou Portugal e apaixonou-se no Brasil...*

D.P. – Sim, pelo lugar e por uma mulher. O Brasil está relacionado com Portugal e foi de forma muito natural que decidi ir até lá. Nada é definitivo, mas nesta altura da minha vida é um lugar muito interessante para se viver.

Focus – *Traz até nós um novo disco, o *Saltwater Nomad*, mas antes fez sair um outro, *Recorded un Rio*, ambos gravados no Rio.*

D.P. – Antes gravei ainda um outro, em L.A., que foi escrito em África [*Somewhere South of Somalia*, 2001], durante uma estada de dois meses, sozinho, no Quênia e na Tanzânia. É uma espécie de novela de aventura em ritmo hip-hop.

Focus – *É uma pessoa que não gosta de estar muito tempo no mesmo sítio. Não tem raízes fortes em lado nenhum?*

D.P. – Acho que tenho raízes, mas, ao mesmo tempo, gosto de es-

isolado numa ilha”

artista polivalente. Está em Portugal para fazer surf, mostrar as suas esculturas e um novo disco

cortes com serrote de mão, uso tinta acrílica ou pó-de-madrepérola. Experimento alguns materiais e tenho alguns segredos, pois nem todos os produtos se adaptam à fibra de vidro da prancha. Porém, a primeira coisa a fazer é consertar a prancha e, depois, prepará-la para receber os materiais. As imagens, muitas vezes, vou buscá-las a um livro onde tenho mais de 2000 desenhos feitos por mim.

Focus – *Passemos à música. No álbum *Flowers and the Colour of Paint*,*

D.P. – Estava num período de estagnação e há muito tempo que andava com a ideia de vir a Portugal. Cheguei aqui com alguns números de telefone e 70 dólares no bolso.

Focus – *Qual a ideia que fazia deste país?*

D.P. – Li sobre Portugal numa revista de surf e fiquei com a ideia de um país com muito boas ondas e um alto nível cultural. Para mim era o ideal, porque adoro o mar, mas também gosto da cultura urbana. Sou um

tar sempre em movimento. Cheguei agora a Portugal, encontrei pessoas que já não via há vários anos e foi como se tivesse estado com elas há duas semanas. Para mim há quatro lugares importantes: Califórnia, Rio, Lisboa e Sydney. São as minhas quatro esquinas. De vez em quando, viajo para ter as minhas aventuras. ●

CARLOS CORREIA (TEXTO)
E FILIPE DE BRITO (FOTOS)